



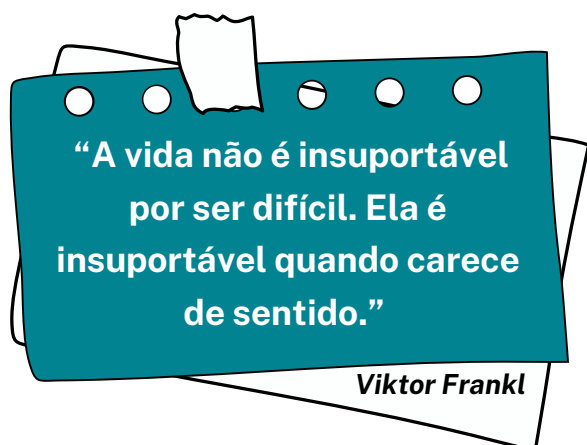
DESENVOLVER

Sempre uma reflexão autoral sobre desenvolvimento



Do Vazio ao Propósito: Reconstruindo o Sentido

Gisela Fernandes Costa de Farias



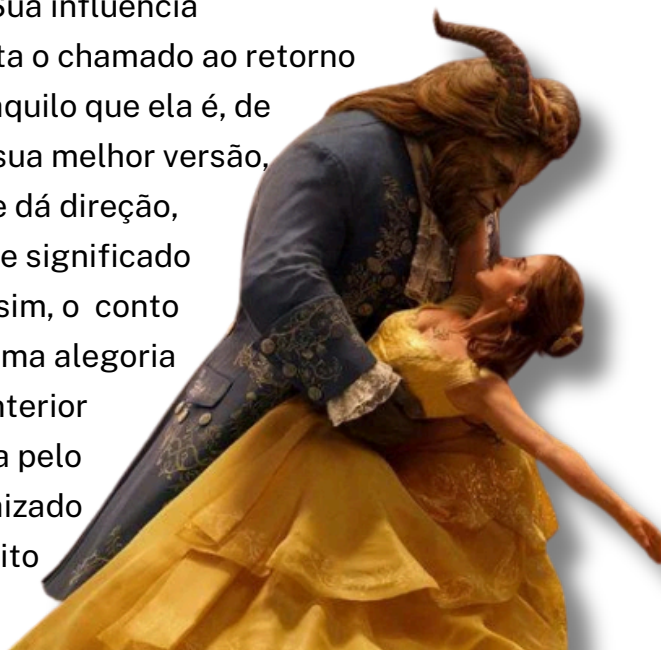
A crise contemporânea não é, em sua raiz, política, econômica ou tecnológica, mas existencial e espiritual. O ser humano moderno perdeu o senso de finalidade, substituindo a busca do bem e da verdade pelo culto da utilidade, da imagem e do prazer imediato. Vive, assim, no que poderíamos chamar de um estado de afastamento da razão e da virtude — uma insensibilidade para com as coisas verdadeiramente superiores, e uma hipersensibilidade neurótica para tudo o que é vulgar, transitório e superficial.

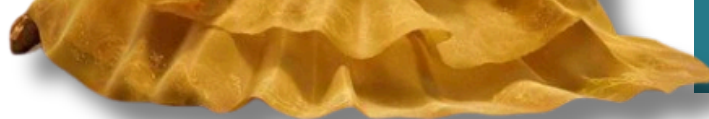
Como Aristóteles já afirmava, a alma humana tende naturalmente à realização da sua forma própria, ou seja, à vida da razão, que culmina na contemplação da verdade e no exercício da virtude. Mas para isso, é necessário um processo de formação interior, que hoje foi praticamente abolido pelo colapso da educação e pelo domínio das paixões desordenadas, legitimadas por uma cultura que enaltece a vitimização e despreza o esforço pela excelência. É nesse contexto que emerge o arquétipo do “Herói Ferido” que seria uma figura simbólica daquele que, afastado da ordem do ser, sofre as consequências do seu desvio, mas que ainda conserva um vestígio de desejo pela essência, um impulso para a ordem e a reintegração.

Esse arquétipo ilustra a estrutura dramática da alma humana em busca de si mesma.

Na história de A Bela e a Fera, encontra-se representada, sob forma simbólica, uma realidade profundamente humana: a deformação da alma quando se afasta de sua essência racional e ordenadora. A Fera é a imagem do homem cuja capacidade de pensar com clareza e agir com sabedoria foi obscurecida pela desordem das paixões (ira, inveja, ambição, vaidade, orgulho e ressentimento) que o afastam do bem e do autoconhecimento. Trata-se de uma alma adoecida, cuja aparência monstruosa reflete a perda de sua estrutura interior e de sua verdadeira vocação. Contudo, é justamente nesse estado de deformação que se introduz a figura de Bela: símbolo da alma que conserva em si a essência do amor, da sabedoria e do sentido, aquilo que resta de ordenado e luminoso na consciência humana. É a presença de Bela que desperta na Fera o processo de reintegração à sua verdadeira natureza e ao seu propósito mais elevado. Sua influência

representa o chamado ao retorno da alma àquilo que ela é, de fato, em sua melhor versão, àquilo que dá direção, equilíbrio e significado à vida. Assim, o conto se torna uma alegoria da cura interior promovida pelo amor enraizado no propósito humano.





Amor: o único capaz de restaurar o que foi deformado pelo afastamento do real sentido da existência humana.

O filósofo Olavo de Carvalho, ao interpretar esse mesmo símbolo, diria que a Fera encarna o homem moderno: deformado não por acaso, mas por uma cultura que sistematicamente obscurece os símbolos da verdade e destrói a alma desde sua infância. Bela, nesse sentido, é também a figura da consciência desperta, que desafia os condicionamentos e, por meio de um amor que vê além da aparência, restaura a dignidade perdida.

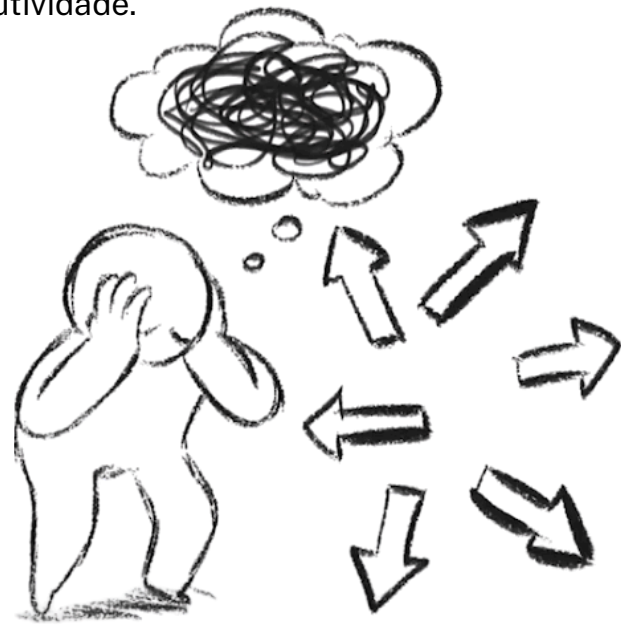
De modo análogo, a parábola do filho pródigo ilustra o paradigma do afastamento consciente da ordem universal e do bem.

O filho pródigo representa a alma que escolhe a vida da intemperança, da desordem, e por isso mesmo colhe a dor como consequência natural. Entretanto a dor, longe de ser inútil, torna-se o princípio da transformação interior: a percepção de que a vida fora do eixo do bem é uma caricatura de liberdade, que conduz à miséria. O retorno à Ordem Universal é a reintegração da alma a sua essência, à sua fonte, é o caminho da cura interior e da redenção pela verdade.

Nas organizações modernas, essa mesma dinâmica está presente e é muitas vezes encoberta por uma linguagem artificial, tecnocrática e "motivacional". Antes de sermos servidores, líderes ou profissionais, somos todos almas humanas que sentem, sofrem e buscam sentido.



No entanto, nos vemos perdidos, não por falta de técnica ou competência, mas por ausência de uma orientação mais profunda: moral, espiritual e transcendente, que lhes revele por que fazem o que fazem e para onde estão indo. O ambiente profissional tornou-se uma extensão do caos interior: um palco de vaidades, jogos de poder, ressentimentos e ansiedade, onde o espírito é muitas vezes sacrificado no altar da produtividade.



A restauração começa quando reconhecemos que, antes de melhorar desempenho, precisamos curar almas. E essa cura não virá de dinâmicas de grupo ou de fórmulas prontas, mas do reencontro com a verdade do ser, aquilo que Aristóteles chamou de vida boa através da virtude, e que os filósofos clássicos incansavelmente associaram à busca da sabedoria acima de toda conveniência.

Portanto, o Herói Ferido não é apenas um personagem simbólico: ele é o retrato do homem contemporâneo, caído, dividido, mas ainda assim potencialmente restaurável. E o “Curador Interior” que almejamos não é um guru, nem um coach, mas a dimensão espiritual da alma que escuta, que contempla, que reconhece sua “miséria” e se abre para o Eterna Sabedoria. A jornada essencial do homem não é o sucesso visível, mas a (re)conquista invisível da sua própria alma.

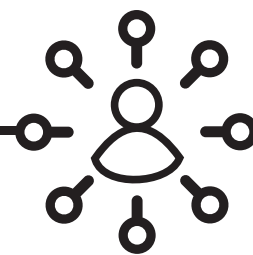
“Não podemos acrescentar dias a nossa vida, mas podemos acrescentar vida aos nossos dias.”

Cora Coralina



REVERBERAR

Instigar para ecoar seu pensamento



O Sentido de Si e o Trabalho com Propósito

"O trabalho não é castigo, é vocação. Quando perdemos o sentido, o trabalho vira peso."

São Josemaría Escrivá



Toda crise de um homem é, no fundo, uma crise de significado. Um sujeito pode ter técnicas, metas, salários e status, mas se não sabe por que levanta da cama todas as manhãs, afunda num torpor invisível. Como dizia Viktor Frankl, o sofrimento que não encontra sentido se transforma em desespero. Já o sofrimento que é inserido num contexto de propósito torna-se até mesmo redentor.

Para os antigos, a alma humana não era uma engrenagem solta num sistema produtivo, era uma potência em ato, cujo florescimento dependia da harmonia entre a sua natureza e sua finalidade. Aristóteles chamaria isso de o fim último. Olavo de Carvalho diria que a maior tragédia do homem moderno é não saber quem é, por que existe e para onde está indo. É preciso recuperar o trabalho como vocação, não no sentido místico superficial, mas na visão enraizada na razão e na fé: no chamado interior que vincula a ação ao ser.

No espaço organizacional, esse esquecimento se traduz numa multidão de trabalhadores desmotivados, líderes emocionalmente exaustos e estruturas que se tornam cada vez mais mecânicas.

Como ensinava São Josemaría Escrivá, o trabalho vivido santamente é um altar, um meio pelo qual o ser humano oferece ao mundo aquilo que ele mesmo é: um dom, uma presença relacional, uma imagem viva do Princípio ordenador da realidade. Pela antropologia de Edith Stein e Karol Wojtyła, entendemos que a pessoa humana realiza-se plenamente quando compreende que não existe isoladamente. É constituída por relação e para o dom por: Ela é essencialmente relacional, ou seja, sua identidade se forma nas relações com os outros, e sua plenitude está em doar-se — viver em função do amor e do serviço ao próximo. Logo, o sentido pessoal que cada trabalhador encontra em sua atuação repercute no corpo inteiro da organização, como uma centelha que aquece o ambiente e ressignifica processos antes mecânicos em atos de criação, entrega e significado.





Essa percepção, longe de ser abstrata, encontra confirmação na psicologia e na neurociência. Magda Arnold demonstrou que nossas emoções são avaliações de sentido. Não sentimos apenas o que acontece, mas o que aquilo significa para nós. Lisa Feldman Barrett reforça essa tese com base na neurociência, explicando que ambiente emocional do trabalho molda a forma como os trabalhadores interpretam o mundo, tomam decisões e constroem vínculos. Onde há desorientação de propósito, há colapso neuroemocional.

Por isso, figuras como Simon Sinek e Stephen Covey insistem em provar que organizações saudáveis começam com um porquê, com uma missão que transcende os números. Jordan Peterson, com sua linguagem clara e firme, reintroduz o valor da ordem, da responsabilidade e do princípio racional que estrutura o caos da existência. Em suas palavras, “o fardo significativo é melhor que a liberdade vazia”. E no mundo do trabalho, isso significa que líderes e liderados precisam não apenas de competências, mas de consciência de si, do outro e do todo.

O profissional que compreende seu trabalho como expressão de sua missão pessoal não apenas entrega resultados; ele reverbera presença, transforma a cultura e sustenta o propósito. E a organização que compreende sua identidade como um organismo vivo, e não como uma máquina de desempenho, reencontra sua essência e sua razão de existir. Sem Sabedoria, resta só barulho. Sem vocação, sobra só repetição. Sem sentido, tudo vira sintoma. O “Herói Ferido”, ao reencontrar o “Curador interior”, torna-se não apenas são, mas também farol para outros que ainda caminham na sombra.



REFLETIR

Inspiração para vivenciar



É

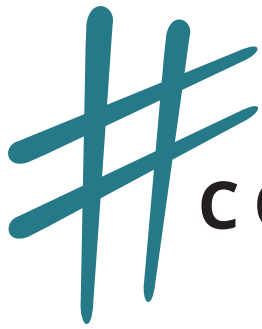


e

também

corações

...saber que em algum lugar alguém
zela por ti



CONECTAR

Histórias, relatos, encantos e alívios



Sentido não é algo que se encontra pronto, mas se constrói diariamente, pelo autoconhecimento, com as relações, decisões, intenções e pela transcendência.

**Viktor Frankl**

Um profissional que vive com sentido pode até não conseguir transformar a organização como gostaria, entretanto, viverá uma vida saudável e plena de significados unido sempre ao seu propósito.

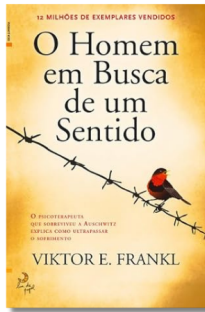


EXPANDIR

Seus horizontes



Livros



Frankl, Viktor E. **O Homem em Busca de um Sentido**: Explora a busca por significado na vida, especialmente em situações extremas de sofrimento.



Eger, Edith Eva. **A Liberdade é uma Escolha**: Aborda a ideia de que a liberdade é uma escolha que podemos fazer, independentemente das circunstâncias externas



Filmes

O Menino que Descobriu o Vento (2019)



O vendedor de sonhos (2016)

Vídeo



Com resiliência, ela sobreviveu ao horror e escolheu viver com coragem.



Música



“Não é tempo que falta, é vida que a gente deixa de viver.”

Mário Quintana

Autora

Gisela Fernandes Costa de Farias
Mestre em Neurociências

Designer

Edlayne Cristina da Rocha

Produção e Revisão
Equipe GEDP

E-mail: gedp.escoladesaude@goias.gov.br



Sugestões



Edições anteriores